

Amor incondicional

Gênero: Conto

Pseudônimo: Joana

Ela lhes chegou de forma inesperada. Já tinham duas outras cachorrinhas, uma, inclusive, filha desta que agora adotavam. Ela se chamava Fiona, sua dona se mudara para a capital e, não tendo como acomodá-la, questionou-os sobre a possibilidade de ficarem com ela. Amor de sobra havia. Ficaram.

Quando o casal se conheceu, ela tinha Nina, uma linguicinha preta, filha de Fiona, e ele tinha Neguinha, uma vira-latas, também preta, porém bastante peluda. Fiona era de cor caramelo e de porte menorzinho que a própria filha.

Embora Nina e Neguinha estivessem há mais tempo na casa, eles desenvolveram um carinho especial pela recém-chegada, que, tendo crescido num ambiente onde a prioridade era cruzá-la para obter filhotes, logo demonstrou seu reconhecimento e amor por quem lhe acolheu sem interesse algum. Aos poucos, ela foi se revelando uma cachorrinha carente e amorosa, sendo aquela que sempre se postava à janela quando seus atuais donos saíam de casa, enquanto as outras duas, acostumadas com um tratamento atencioso desde sempre, não se sentiam ameaçadas com a saída deles.

As três tinham um pátio para correr, um solzinho para aquecê-las nos dias frios e muito aconchego dentro da casa, onde reinavam absolutas. Davam alarme ao menor movimento da rua e, à chegada de visitas, se algariavam, abanando os rabinhos e latindo ruidosamente.

O tempo passou e sobrevieram os problemas de saúde para Fiona, a mais velha do trio. Primeiramente, foram nódulos mamários. Eles, de imediato, providenciaram o tratamento, que incluiu uma cirurgia para retirada dos tumores. Depois, um sopro no coraçãozinho, que foi imediatamente medicado pela veterinária de sua confiança. Mas, nos últimos meses, Fifi, como era carinhosamente chamada, começou a requerer maiores cuidados, passando a tossir em consequência da insuficiência respiratória que a deixava inquieta e a impedia – e a seus donos - de dormir. Começara a agoniar.

Durante as crises, seu olhar era um pedido de socorro. Porém, tudo que podiam fazer já estava sendo feito. Era sabido que ela estava próxima do fim e que o seu desconforto era imenso, mas eles não tinham coragem para tomar a decisão que representaria renunciar àquela pequena vida. Optaram, então, por irem administrando o quadro, cada vez adotando novas medidas para atenuar seu sofrimento, o que incluía o uso de bombinhas, injeções e medicamento manipulado. Foram várias noites insones e muita angústia.

Nos últimos dias, seu intestino parou. Eram os sinais vitais deixando de funcionar. E assim foi até que, numa noite fria de julho, eles saíram para atender um compromisso e, ao retornar, encontraram-na caída, já sem vida, fora de sua caminha, de onde praticamente não mais saía. Notaram que seu corpo ainda conservava algum calor, portanto o fato devia ter ocorrido há apenas alguns minutos. Envolveram-na em sua mantinha azul, na vã intenção de aquecê-la, enquanto as outras cachorrinhas, percebendo seu corpo inerte, mas ainda com seu cheirinho característico, farejavam-na e puxavam sua cobertinha com os dentes, numa clara tentativa de provocar-lhe alguma reação.

Eles garantem que Nina e Neguinha estão sentindo a falta da companheirinha, pois têm apresentado um comportamento compatível com tristeza. Numa manhã, após o ocorrido, Nina acordou, deu uma circulada pela casa agora um pouco mais vazia, e retornou para sua caminha, onde passou a emitir sons similares a um chorinho, demonstrando que os animais também têm sentimentos.